



Desinformação, negacionismo e revisionismo: manipulação ou revisão de fatos históricos?

Disinformation, denialism and revisionism: manipulation or review of historical facts?

Manoel Oswaldo Guimarães Junior 

Doutorando em Ciência da Informação
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
manoel.oswaldo@ufpe.br

Májory Karoline Fernandes de Oliveira Miranda 

Doutora em Ciência da Informação
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
majory.oliv@ufpe.br

Resumo

O avanço tecnológico e a internet permitiram uma maior produção, democratização do acesso e compartilhamento de informações nas últimas décadas. Ao mesmo tempo, esta mesma tecnologia tem sido utilizada para promover desinformação em todas as áreas da atividade humana, principalmente no campo científico. Alguns movimentos negam ou fazem releituras de alguns fatos históricos com a intenção de alterar ou colocar em dúvida conhecimentos provados cientificamente, propagando informações falsas ou manipuladas. O objetivo deste artigo é entender a atuação, as características e as diferenças do negacionismo e do revisionismo histórico e seus reflexos na sociedade. Contextualiza a ação do movimento negacionista científico ao longo da história com o fenômeno da desinformação na atualidade, ampliando as discussões sobre os fenômenos a fim de oferecer um referencial teórico mais fundamentado sobre essas tendências históricas ainda pouco exploradas na Ciência da Informação. O percurso metodológico partiu de revisões e análises bibliográficas de trabalhos de referência sobre as temáticas. Compara os aspectos gerais dos processos negacionistas e revisionistas e destaca a relevância do revisionismo de caráter historiográfico para o desenvolvimento do conhecimento histórico da sociedade. Ressalta ainda o papel da Ciência da Informação em atenuar os problemas gerados pela desinformação, apresentando estudos relacionados a divulgação científica e a apropriação da informação pelos usuários.

Palavras-chave: desinformação; negacionismo científico; negacionismo histórico; revisionismo histórico.

Abstract

Technological advances and the internet have allowed greater production, democratization of access and sharing of information in recent decades. At the same time, this same technology has been used to promote disinformation in all areas of human activity, especially in the scientific field. Some movements deny or reinterpret some historical facts with the intention of altering or casting doubt on scientifically proven knowledge, propagating false or manipulated information. The objective of this article is to understand the performance, characteristics and differences of denialism and historical revisionism and their effects on society. It contextualizes the action of the scientific denialist movement throughout history with the phenomenon of disinformation today, expanding discussions on the



doi: [10.28998/cirev.2024v11e16926](https://doi.org/10.28998/cirev.2024v11e16926)

Este artigo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Submetido em: 27/11/2023

Aceito em: 30/11/2024

Publicado em: 26/12/2024

phenomena in order to offer a more grounded theoretical framework on these historical trends that are still little explored in Information Science. The methodological path started from reviews and bibliographical analyzes of reference works on the themes. It compares the general aspects of denialist and revisionist processes and highlights the relevance of historiographical revisionism for the development of society's historical knowledge. It also highlights the role of in mitigating the problems generated by misinformation, presenting studies related to scientific dissemination and the appropriation of information by users.

Keywords: *disinformation; scientific denialism; historical denialism; historical revisionism.*

1 INTRODUÇÃO

O mundo vem assistindo de forma perplexa uma onda de manifestações que fere o bom senso e o conhecimento que a humanidade vem produzindo e consolidando ao longo dos séculos, também chamado de conhecimento científico. Essas manifestações estão bem visíveis na atualidade, como, por exemplo, nos movimentos antivacina, terraplanista, crença em medicamentos sem nenhuma comprovação científica e no negacionismo histórico, representando uma grande ameaça às fontes confiáveis de informação.

Conhecida como negacionismo científico, esta tendência anticientífica não é um fenômeno recente, mas é possível perceber o seu crescimento mundial nos últimos anos. No início do século XXI, a internet e as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) possibilitaram uma forma de comunicação mais democrática ao permitirem não apenas que as grandes instituições disseminassem informações, mas também a qualquer indivíduo que estivesse conectado à grande rede.

Consequentemente, esta facilidade ao acesso à tecnologia digital (através de *notebooks, smartphones e tablets*) e o surgimento de plataformas para publicação e compartilhamento de conteúdo, como aplicativos de mensagens e redes sociais, fez com que grande parte das pessoas no mundo inteiro se sentisse e atuasse como verdadeiros repórteres, analistas e comentaristas dos mais variados assuntos, limitados a uma audiência restrita aos seus grupos de amigos ou, até mesmo, alcançando uma dimensão de visualização muito mais ampla.

Esse fluxo informacional, realizado através das novas formas de acesso e produção de conteúdo, tem gerado também graves problemas como o uso e a propagação irresponsável de informações falsas ou manipuladas, que podem interferir na opinião pública e servir a diversas finalidades pessoais e institucionais.

Além de ter provocado o crescimento da chamada desinformação e a popularização de alguns termos, tais como *"fake news"*, *"infodemia"* e *"pós-verdade"*, o aumento da circulação de notícias falsas acendeu discussões e preocupações sobre os impactos desses fenômenos na sociedade, não deixando isenta nenhuma área da atividade humana, atingindo, inclusive, o conhecimento científico.

O campo da História também vem sofrendo constantes ataques político-ideológicos. Antigas concepções negacionistas foram impulsionadas nesta era digital, como, por exemplo, o *"Holocausto nunca existiu"*, *"o nazismo é um movimento de esquerda"*, *"não houve genocídio indígena nas colônias das Américas"* e *"não houve um golpe militar no Brasil em 1964, mas sim, uma revolução"*, estão se tornando cada vez mais comuns. Esses supracitados discursos são formas de alterar ou negar conhecimentos ou verdades já estabelecidas cientificamente, utilizando informações falsas ou manipuladas intencionalmente. De acordo com Funari (2021, p. 117), *"A História acaba sendo alvo privilegiado de pessoas e grupos que*

procuram manipular seus relatos a favor ou contra isso ou aquilo, muitas vezes distorcendo informações, inventando e mentindo”.

Entretanto, a revisão de acontecimentos do passado, através de novos dados ou novas abordagens metodológicas, é um processo natural e necessário. Assim como novos estudos sobre a ação de bactérias e vírus no organismo levam à criação de novos medicamentos, a descoberta de novas evidências, documentos, objetos e relatos podem levar a correção ou a ampliação do entendimento histórico.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é entender a atuação, as características e as diferenças do negacionismo e do revisionismo histórico e suas consequências para a sociedade. Além disso, é uma forma de ampliar as discussões sobre o fenômeno da desinformação e apresentar uma revisão sobre as referidas temáticas a fim de oferecer um referencial teórico mais fundamentado sobre as tendências negacionistas e revisionistas ainda pouco exploradas na Ciência da Informação (CI). Seja ofertando discussões relevantes, seja propondo formas de enfrentamento e prevenção a esse fenômeno, a CI pode tomar o protagonismo de quem possui a informação como seu objeto de estudo.

O presente artigo é derivado de uma pesquisa sobre a atuação da desinformação na desconstrução de memórias coletivas e históricas de eventos históricos, na qual o referido fenômeno foi investigado ao longo da história e apresentado os seus impactos na atualidade. O estudo também identificou a atuação e construção da memória no campo informacional e sua relação com o campo historiográfico.

Para alcançar o objetivo proposto, o percurso metodológico partiu de revisões bibliográficas de autores que já produziram trabalhos de referência sobre o negacionismo e o revisionismo histórico. Essas revisões foram elaboradas “[...] com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema” (Gil, 2017, p. 28). Todavia, para uma melhor contextualização dos movimentos negacionistas e revisionistas, foi fundamental apresentar inicialmente uma análise sobre o fenômeno da desinformação, utilizando os estudos realizados por Volkoff (2004), Pinheiro e Brito (2014), Fallis (2015) e Wardle e Derakhshan (2017). Os resultados e discussões destas revisões bibliográficas e análises são apresentados na forma de quadros de análises comparativas dos aspectos gerais das tendências negacionistas e revisionistas.

Além desta introdução, o trabalho foi estruturado em cinco seções. A segunda corresponde a uma revisão bibliográfica sobre alguns estudos de referência sobre a desinformação. A terceira seção apresenta uma visão geral do movimento de negacionismo científico ao longo da história. A quarta seção analisa os aspectos gerais do negacionismo e do revisionismo e os tipos de revisões históricas. A quinta seção apresenta uma análise comparativa dos resultados obtidos na pesquisa. Finalmente, as considerações finais sobre o trabalho encontram-se na sexta seção.

2 ESTUDOS SOBRE A DESINFORMAÇÃO

A desinformação é um fenômeno que vem sendo estudado por pesquisadores de diversas áreas há pelo menos duas décadas. Na Ciência da Informação é uma temática bastante frequente e os estudos ganharam mais amplitude nos últimos anos.

Em um primeiro momento, através de uma simples observação do significado do termo, pode se deduzir que esta temática dispensa grandes explicações. Entretanto, de acordo com o comunicado da Comissão Europeia,

A desinformação é entendida como informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens econômicas ou para enganar deliberadamente o público, e que é suscetível de causar um prejuízo público (Comissão Europeia, 2018).

A supracitada definição é bastante utilizada em debates internacionais e estabelece critérios significativos que abrangem diversos aspectos, como o econômico, o social e o político. Porém, existem várias outras análises e interpretações para a desinformação, como também uma ausência de consenso sobre este fenômeno.

Volkoff (2004) analisa as grandes operações de desinformação ao longo da História, desde o mitológico Cavalo de Tróia até o surgimento da internet. O autor destaca que “O termo surge primeiro em russo (*dezinformatsiya*), logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), e deve ser entendido como designando práticas exclusivamente capitalistas visando a sujeição das massas populares” (Volkoff, 2004, p. 11). Para o autor, a palavra já expressava um sentido de distorção ou falsidade, pois os soviéticos atribuíam aos seus adversários práticas que estes nem sabiam que cometiam.

O ponto de partida para a compreensão da desinformação estaria no contexto da própria informação. Volkoff (2004, p. 8) ressalta que “Toda a informação implica a existência de três variáveis em que não se pode confiar absolutamente: o informador, o canal de comunicação e o informado”. E acrescenta que

A informação nunca tem 100% de verdade. Erros infiltram-se por todos os lados, mesmo quando nenhum elemento da cadeia de informação, do informador ao informado, tem más intenções; [...] qualquer pretensão à objetividade deve ser encarada com suspeita [...] é natural que cada testemunha tenha a sua própria impressão sobre o acontecimento a que assistiu (Volkoff, 2004, p. 9-10).

O autor ainda caracteriza três elementos para a composição da desinformação: uma manipulação da opinião pública, processos ocultos e fins políticos. De posse desses elementos, ele define o fenômeno como “[...] uma manipulação da opinião pública para fins políticos através de informação trabalhada por processos ocultos” (Volkoff, 2004, p. 19). Além disso, a desinformação

[...] pode tratar o tema de várias formas: não difundindo uma informação, ou difundindo uma informação incompleta, tendenciosa ou simplesmente falsa, ou saturando a atenção do público através de uma sobreinformação que faz perder o sentido do que é e não é importante, ou através de comentários orientados (Volkoff, 2004, p. 104).

Pinheiro e Brito (2014) defendem a necessidade de se aprofundar a discussão em torno do conceito de desinformação, como também das suas múltiplas interpretações a partir da literatura corrente, uma vez que tem havido pouco esforço no sentido de uma melhor compreensão dos chamados “fenômenos negativos da informação”, como seria o caso deste tema.

Os referidos autores (2014) identificam três conjuntos de significados para desinformação: ausência de informação, informação manipulada e engano proposital.

O primeiro conjunto refere-se a associação do termo com o estado de ignorância ou de ausência de informação. O sujeito estaria carente de informação devido a sua própria falta de conhecimento sobre determinado tema ou acontecimento. Segundo Pinheiro e Brito (2014, p. 1), “Desinformação significaria ausência de cultura ou de competência

informacional, impossibilitando que o usuário localize por si mesmo a informação que necessita, não chegando, portanto, as suas próprias conclusões.”

No segundo conjunto de significado – informação manipulada – grupos detentores de informações (governos, empresas e a grande mídia) desinformariam amplamente de modo a se perpetuarem no poder, visando seus próprios interesses. Conforme Pinheiro e Brito (2014, p. 2),

[...] sob esta óptica desinformação consistiria em um grande conjunto de informações disponibilizadas cotidianamente, mas que não supririam o indivíduo com conhecimento necessário para participar do processo político e tomar as decisões necessárias ao progresso de sua própria vida e de seus semelhantes. Mais do que acaso, estas desinformações seriam o fruto de um projeto de dominação política e ideológica, em que tanto as redes digitais, quanto veículos de comunicação tradicionais seriam empregados para difundir prioritariamente tudo àquilo que confunde e desarma.

Vale salientar que uma informação manipulada não é necessariamente falsa ou mentirosa. Entende-se que a manipulação informacional abrange várias maneiras de se apresentar uma informação ao público: uma distorção do conteúdo da mensagem; o modo mais ou menos intenso na divulgação de uma informação; a propagação de uma informação verdadeira, porém descontextualizada. Todas essas estratégias são tentativas de convencer ou alienar alguém, contemplando o atendimento dos desejos ideológicos de alguma parte. Em se tratando de desinformação, “[...] é preciso levar o público não só a engolir, mas a acreditar” (Volkoff, 2004, p. 102).

Finalmente, o terceiro conjunto de significado refere-se a questão do engano proposital. Nesta perspectiva, a desinformação “[...] é considerada uma ação proposital para desinformar alguém, de maneira a enganá-lo” (Pinheiro; Brito, 2014, p. 3). Desta forma, o objetivo do ato seria induzir ao erro, enganar alguém. Na maioria das vezes, o recurso utilizado para atingir este propósito seria informação incorreta ou falsa.

Outro aspecto levantado por Pinheiro e Brito (2014) se refere a comparação dos significados das duas traduções da palavra desinformação para a Língua Inglesa: *misinformation* e *disinformation*. A primeira significa uma informação errada ou enganosa, que não foi criada intencionalmente para causar prejuízo; a segunda diz respeito a uma informação falsa, criada deliberadamente para causar prejuízos.

A *misinformation* seria uma forma mais ingênua e não deliberada de espalhar a desinformação. Compartilhar uma notícia falsa nas redes sociais, de modo inocente, sem a intenção de manipular os contatos, é um exemplo deste significado.

Em contrapartida, a *disinformation* seria um processo planejado e mais complexo de manipulação da opinião pública, com a clara intenção de enganar ou persuadir, a partir da transmissão de notícias falsas e da distorção da realidade. Quando grupos poderosos contratam agências especializadas em campanhas de disseminação de notícias falsas para espalhar mentiras a favor dos seus próprios interesses, é um exemplo deste significado.

Para uma melhor distinção entre *misinformation* e *disinformation*, pode se caracterizar os “desinformantes” como aqueles que produzem e propagam de forma intencional a desinformação, enquanto os “misinformantes” são aqueles que repassam e propagam a desinformação de forma pueril. Logicamente, na maioria das vezes, os “desinformantes” se utilizam da ingenuidade e ignorância dos “misinformantes”, que se tornam massa de manobra para os primeiros atingirem seus objetivos.

De qualquer modo, constata-se que na Língua Inglesa o sentido da palavra ‘desinformação’ é mais restrito e específico, enquanto na Língua Portuguesa é mais abrangente e vago, dificultando, em parte, uma melhor especificação do fenômeno.

Um dos trabalhos recentes mais significativos sobre desinformação foi realizado por Fallis (2015). O autor identifica três características para o fenômeno: a primeira é que desinformação é um tipo de informação; a segunda é que desinformação é um tipo de informação enganosa que criará, provavelmente, falsas crenças; e a terceira é que desinformação é uma informação enganosa não acidental.

Ao afirmar que desinformação é um tipo de informação, Fallis (2015) esclarece que isto vai depender da escolha da análise de informação adotada. Este aspecto é muito importante, pois informação possui vários conceitos e significados. A seleção de uma definição adequada, permitirá uma melhor compreensão do fenômeno.

O autor ressalta ainda que, pelo fato de ser uma informação enganosa, com capacidade de produzir ideias e crenças falsas, torna a desinformação perigosa e preocupante, pois “[...] quando as pessoas são enganadas sobre tópicos importantes, como oportunidades de investimento, tratamentos médicos ou candidatos políticos, isso pode causar sérios danos emocionais, financeiros e até físicos” (FALLIS, 2015, p. 402, tradução nossa).

Fallis (2015) conclui sua análise argumentando que há uma definição que abrange todas as características elencadas acima: desinformação é uma informação enganosa que foi criada com o intuito de enganar alguém.

O trabalho de Wardle e Derakhshan (2017) caracteriza os elementos que compõem a desinformação. Após analisar o cenário que eles denominam de “desordem da informação”, levando em consideração a variedade de atores envolvidos, as situações de produção, consumo e conteúdos possíveis, os referidos autores elaboraram um modelo constituído por três categorias: agente, mensagem e intérprete. Para cada um desses três componentes, os autores apresentam variáveis que devem fazer parte dos estudos da desinformação.

Segundo Wardle e Derakhshan (2017), para o estudo do agente produtor de desinformação o foco deve estar nas vinculações, motivações e intencionalidades do mesmo. Ainda de acordo com os referidos autores, as principais motivações são de natureza financeira, política, social e psicológica. Para o estudo da mensagem, deve se levar em conta as características intrínsecas a ela, como sua duração, veracidade, legalidade e propósito. E, finalmente, para o estudo do intérprete ou receptor, deve se considerar a relação que o mesmo estabelece com a mensagem e a ação tomada em relação a ela.

Percebe-se nas análises de Volkoff (2004), Fallis (2015), Wardle e Derakhshan (2017) a existência de aspectos em comum para a compreensão da desinformação. A principal delas decorre do fato de que o fenômeno está embutido no próprio processo de informação. Em outras palavras, segundo esses autores, a desinformação é uma informação. Além disso, a chamada desordem informacional pode surgir quando algum elemento do processo (informador, canal de comunicação ou informado) interfere numa determinada informação, de forma proposital, para atender seus interesses ou motivações. Sendo assim, sob a ótica dessas análises, a desinformação pode se manifestar de várias formas numa sociedade, assumindo denominações e feições diferenciadas, como a pós-verdade e, a mais conhecida de todas, as *fake news*. Dentro deste contexto, vale destacar também a atuação do negacionismo científico, que abrange a ciência de um modo geral, e do negacionismo histórico, voltado exclusivamente para o campo da História.

3 O NEGACIONISMO CIENTÍFICO AO LONGO DA HISTÓRIA

O cenário de desinformação vivenciado pela sociedade também tem proporcionado um crescimento na disseminação de informações falsas ou manipuladas sobre o conhecimento científico, comprometendo a difusão de informações científicas, prejudicando o avanço do conhecimento e afetando políticas públicas em áreas de desenvolvimento específicas.

Este movimento anticientífico, também conhecido como negacionismo, vai além de uma simples informação falsa ou de uma mera opinião polêmica de um indivíduo sobre um determinado tema já consagrado pela ciência. Segundo Napolitano (2021), é um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o consenso científico, a crítica pertinente, as evidências empíricas, o argumento lógico, as premissas de um debate público racional, sendo um movimento organizado de desinformação para fins ideológicos ou interesses específicos.

No entanto, negar a ciência não é um fenômeno recente. Ao longo da história, sempre houve movimentos contrários ao desenvolvimento do conhecimento científico. Na realidade,

[...] o cerne da questão do negacionismo científico, também chamado *fake science*, é que toda vez que a ciência descobre uma verdade que desagrade determinado grupo (país, empresa, religião, etc), esse grupo mobiliza esforços para desacreditar a ciência e, inclusive, se fortalece com a confluência de outros movimentos negacionistas (Araújo, 2021, p. 6).

No início da Idade Moderna, autoridades religiosas negavam os avanços científicos e as reflexões de filósofos e cientistas humanistas. Giordano Bruno (1548-1600) foi condenado à morte na fogueira por defender a existência de vida em outros mundos. Galileu Galilei (1564-1642) foi processado pela Inquisição e precisou negar suas teorias sobre o Heliocentrismo – o Sol no centro do sistema solar – para não ter o mesmo destino de Giordano Bruno. Vale lembrar que a Igreja Católica defendia o Geocentrismo – a Terra no centro do sistema solar -, teoria ligada às narrativas bíblicas (Napolitano, 2021).

Um outro exemplo foi o lançamento da obra “A Origem das espécies” em 1859, do naturalista britânico Charles Darwin (1809-1882), considerada a base da Biologia evolutiva e que traz relevantes considerações sobre os seres vivos e sua evolução. Tanto a obra quanto o autor foram alvos do negacionismo, cuja intenção era preservar um modelo fundamentalista pautado no conservadorismo cristão (Chassot, 1994).

Apesar de todas as contribuições de Isaac Newton (1643-1727) sobre a gravitação universal, as ideias planetárias de Kepler (1571-1630) e as propostas a respeito da gravidade feitas por Albert Einstein (1879-1955), há movimentos que arriscam em afirmar que a Terra não seria redonda, mas, sim, plana como um disco de vinil (CHASSOT, 1994). Chamados de terraplanistas, esses grupos defendem que a forma esférica do planeta é uma grande farsa mantida pela Agência Espacial Estadunidense (NASA), devido a motivos relacionados ao poder financeiro e hegemônico.

Entre as décadas de 1920 e 1950, alguns grupos da área científica, de forma bastante antiética, valendo-se da sua autoridade, disseminaram informações falsas, colocando em risco a saúde de milhões de consumidores em todo o mundo.

Grandes marcas de cigarro contrataram médicos para fazerem comerciais favoráveis a elas. Esses médicos, a despeito de pesquisas já indicarem o contrário, não só diziam que os cigarros não faziam mal à saúde e eram saborosos, como, em muitos

casos, com a ajuda de pesquisas falsas, receitavam-nos às pessoas, dizendo que o hábito de fumar, bem como a nicotina, tinha o poder de curar ansiedades, nervosismos, histerias, inflamações na garganta e problemas digestivos (Leal, 2021, p. 159).

No contexto da perspectiva negacionista, Cohen (2001) classifica três tipos de comportamento:

- a) **Literal:** consiste na negação explícita do fato. Exemplo: “isso não aconteceu” ou “isso não é verdade”;
- b) **Interpretativo:** não há negação do fato, mas, sim, uma interpretação particular, um significado diferente para o ocorrido. Exemplo: alguns grupos defendem que não houve um golpe civil-militar no Brasil em 1964, mas, sim, uma revolução contra uma ameaça comunista que pretendia dominar o Brasil;
- c) **Implicatório:** não há negação do fato e nem uma interpretação particular. Há uma atenuação ou justificativa para as implicações morais, psicológicas ou políticas do acontecimento. Exemplo: “as pessoas estão morrendo de Covid19, mas não há nada que possa ser feito... as pessoas iriam morrer de qualquer jeito” ou “o golpe civil-militar de 1964 foi necessário para impedir uma revolução comunista no Brasil”.

O advento da internet facilitou a ampla propagação do ideal negacionista, pois “[...] permitiu que muitas pessoas pudessem contribuir com esses negacionismos de uma maneira fácil, simplesmente refazendo ou reunindo pedaços de informações encontradas no espaço virtual” (Valim *et al.* 2021, p. 18). Não é difícil ver nas redes sociais pessoas acreditando que o efeito estufa não existe, que as vacinas matam ou que a COVID19 é apenas uma “gripezinha”. Essa aglutinação das tendências anticientíficas é o que se denomina “[...] bolhas, também chamadas de câmaras de eco, ou seja, o ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis” (Santaella, 2019, p. 51).

Nas bolhas do ambiente digital, as ideias são propagadas apenas entre usuários “[...] que possuem a mesma visão de mundo, valores similares e o senso de humor em idêntica sintonia” (Santaella, 2018, p. 52), não havendo discordância de opiniões e que muitas vezes acabam criando versões mais radicais do que pensavam antes de se conectar umas com as outras. Como nesse ambiente a diversidade de pensamentos é inexistente, o grande perigo desse fenômeno é a produção de informações distorcidas da realidade. No entanto, é preciso ressaltar que “[...] as bolhas não são as causadoras diretas das notícias falsas. Elas as incubam e ajudam no seu processo de propagação” (Santaella, 2018, p. 72).

Além disso, os negacionistas reivindicam o “direito à livre expressão”, um dos princípios básicos da democracia moderna, para expressar suas ideias adversas em público e buscar o reconhecimento no meio científico. Porém, o problema não está na privação do direito de opinião, mas, sim, em “[...] quem emite tal opinião quer vê-la reconhecida como legítima e verdadeira, sem passar por avaliação por pares como é submetida toda comunidade científica” (Napolitano, 2021, p. 95-96). Em outras palavras, não é simplesmente questionar ou invalidar um determinado conhecimento científico já estabelecido. É preciso prová-lo errado, falso ou incompleto, submetendo o mesmo a um processo rígido de observações e estudos, fundamentado em teorias e seguindo uma metodologia de coleta e análise de dados.

4 NEGACIONISMO OU REVISIONISMO HISTÓRICO?

A História, enquanto ciência, com seus métodos e critérios, busca narrar o passado pautado em fontes, vestígios e documentos, com o intuito de estruturar uma narrativa mais fundamentada possível. A compreensão do processo de construção historiográfica é importante para se evitar achismos, revisionismos baratos ou negacionismos em relação a fatos e acontecimentos históricos, principalmente neste atual contexto social e tecnológico, no qual há uma avalanche de informações disponibilizadas à sociedade, muitas vezes, falsas, duvidosas ou distorcidas da realidade factual.

Pierre Vidal-Naquet (1988) foi um dos pioneiros na questão de inserir o negacionismo histórico no contexto da sociedade e da cultura contemporâneas, com o objetivo de analisar as razões que levam amplos grupos sociais a tomar a mentira como verdade. De acordo com o autor, o movimento negacionista ganhou visibilidade e nitidez logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando, inicialmente, houve a tentativa de minimizar o número de vítimas decorrentes do Holocausto. Logo depois, houve a própria negação do fato, com a afirmativa de que as câmaras de gás nunca existiram. Os negacionistas se utilizaram de um conjunto de procedimentos e estratégias discursivas para questionar o consenso historiográfico sobre o tema. Na verdade,

Os nazistas tentaram apagar as provas dos crimes cometidos nos campos de extermínio, destruindo fornos crematórios e documentação escrita, desenterrando corpos de valas comuns para incinerá-los etc [...] A partir de então, o conceito de negacionismo se difundiu entre os historiadores para se referir à negação do Holocausto, fenômeno já em curso, como dissemos, desde os primeiros anos da Guerra Fria. Portanto, tal negação esteve marcada pelo caráter ideologizado dos embates da nova fase, que, por vezes, assumiu pretensões historiográficas e acadêmicas (Rollemberg; Cordeiro, 2021, p. 75-76).

De um modo geral, os negacionistas históricos, além de negar a existência de um fato, criam reinterpretações, algumas absurdas, para desconstruir a hegemonia cientificamente embasada em torno daquele fato, procurando construir versões alternativas ou criando argumentos para gerar dúvidas, confusão ou polarização sobre algo que era até então visto como consenso histórico. Esse processo de desinformação baseado no negacionismo é “[...] uma estratégia articulada com o objetivo de produzir o esquecimento ou a supressão do conhecimento histórico e científico, em nome de sectarismos e interesses particulares” (Fonseca, 2021, p. 15).

Segundo Napolitano (2021, p. 98), o negacionismo histórico pode ser definido como “[...] a negação *a priori* de um processo, evento ou fato histórico estabelecido pela comunidade de historiadores como efetivamente ocorrido no passado, em que pese várias possibilidades de interpretação validadas pelo debate historiográfico.” Trata-se de uma corrente de interpretação que não acredita em consensos obtidos por amplo e profundo estudo científico, pautando sua visão em informações falsas e em teorias conspiratórias. As principais manifestações negacionistas defendem que não houve escravidão, nazismo, fascismo, holocausto etc. Além disso, os negacionistas procuram fazer uma releitura do passado de forma a reforçar preconceitos, exclusões, violências simbólicas, polarizações, dicotomias que destroem o pensamento complexo e a diversidade das ideias (Meneses, 2019).

Ainda segundo Napolitano (2021), o negacionismo não tem como objetivo revisar e ampliar o conhecimento sobre o passado, mas destruir este conhecimento. A estratégia consiste em disseminar informações falsas ou adulteradas de fatos e processos históricos. Além

disso, tenta convencer as pessoas colocando dúvidas na mente delas a respeito de alguns fatos históricos. É uma tentativa deliberada de negar a cientificidade da história, orquestrada por determinados grupos políticos de extrema-direita (Moraes, 2008).

Assim como os disseminadores de *fake news* se beneficiam da legitimidade e do prestígio da imprensa para promover desinformação através de sites que imitam a linguagem jornalística, o negacionismo histórico se apresenta no espaço público com uma aparência de credibilidade, travestindo-se de revisionismo, que é “[...] um processo de revisão de conhecimento factual e das interpretações historiográficas dominantes, com base em novas questões teóricas, novas hipóteses, novos métodos de análise e novas fontes primárias” (Napolitano, 2021, p. 98).

Assim como em outras áreas, a natureza do conhecimento histórico requer uma revisão constante das interpretações dominantes sobre o passado. Desta forma, a revisão historiográfica torna-se um procedimento indispensável tendo em vista o avanço de outros campos do conhecimento auxiliares da história, o aprimoramento de instrumentos de análise e o surgimento de novas fontes de pesquisa.

Em muitos casos, uma interpretação vigente de um fato histórico passa a receber uma nova leitura diante do surgimento de uma nova fonte ou evidência ou até mesmo por uma nova reinterpretação das fontes que já foram analisadas. Um grande exemplo está no estudo da Idade Média (476-1453), que durante muito tempo foi considerada por muitos historiadores e pesquisadores como “Idade das Trevas”, devido a uma possível baixa produção cultural no período. As correntes historiográficas mais recentes não aceitam essa visão, pois argumentam que no período medieval foi criado as bases que culminaram no movimento renascentista em meados do século XIV.

No exemplo de revisionismo acima fica constatado que não houve alteração, distorção ou negação do fato histórico. Houve apenas o desenvolvimento de um novo olhar através de uma resignificação de fontes e evidências, levando a uma revisão dos conceitos sobre o referido período histórico.

Entretanto, Napolitano (2021) identifica dois tipos de revisionismo: o historiográfico e o ideológico. O primeiro reconhece o legítimo e necessário trabalho da historiografia, baseado na argumentação lógica, identificação de novas fontes e emprego de métodos, ainda que possa colocar em xeque perspectivas históricas consagradas na memória social e na historiografia. Este tipo de revisionismo deve ser incorporado ao debate e não pode ser descartado. Já o segundo tipo possui objetivos ideológicos, caracterizado pela ausência de método e de ética, reunindo autores politicamente interessados em manipular dados e distorcer fatos com interesses específicos.

Vale destacar que as motivações dos revisionistas ideológicos pouco têm a ver com o esforço de uma melhor compreensão do passado. Na maioria das vezes, suas revisões baseiam-se nas circunstâncias do presente e nas necessidades ideológicas dos grupos políticos nos quais estão ligados. Além disso, fundamentam seu trabalho de revisão “[...] na manchete sensacionalista sobre um tema histórico, na apropriação descontextualizada de trabalhos historiográficos, no anacronismo¹, no uso acrítico de fontes primárias” (Napolitano, 2021, p. 99-100).

Sendo assim, os revisionismos científicos e historiográficos são necessários, desde que fundamentados em métodos rigorosos de análise. Duvidar e revisar com critério e metodologia não pode ser o mesmo que negar algo evidenciado e comprovado por meio de anos de pesquisas sérias.

¹ Projetar no passado os valores do presente (Napolitano, 2021, p. 100).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebe-se que o revisionismo ideológico e o negacionismo possuem vários pontos e estratégias em comum. O Quadro 1, a seguir, sintetiza e compara os principais aspectos do negacionismo e do revisionismo.

Quadro 1 – Análise comparativa do negacionismo e revisionismo

Aspectos gerais	Processo		
	Tipos		
	Negacionismo	Revisionismo ideológico	Revisionismo historiográfico
Objetivo	Destruir ou distorcer um conhecimento consolidado.	Distorcer ou manipular fatos com interesses específicos.	Desenvolver e contribuir com o conhecimento do passado.
Estratégia	Disseminação de informações falsas.	Divulgação de novas versões com ausência de metodologia e ética.	Identificação de novas fontes e métodos de pesquisa.
	Dúvidas sobre conhecimentos históricos consolidados. Sensacionalismo de casos específicos.	Apropriação distorcida e seletiva de teses historiográficas reconhecidas.	Argumentos e resultados novos ao debate historiográfico.
Manifestação	O Holocausto nunca existiu.	Houve uma revolução militar no Brasil em 1964 e não um golpe.	Ressignificação do legado da Idade Média.
	O Nazismo foi um movimento de esquerda.		

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

De um modo geral, o principal aspecto em comum entre os negacionistas históricos e os revisionistas ideológicos é a disseminação de suas opiniões sobre determinados fatos históricos. Muitas vezes, as opiniões desses grupos buscam legitimar os seus projetos políticos a partir de uma visão distorcida da historiografia acadêmica, que é pautada em métodos científicos. Todavia, o conhecimento histórico tem que ir além de uma mera opinião e precisa ser o resultado de um trabalho, de uma metodologia, de uma reflexão sobre evidências e fontes.

A defesa e a preservação de determinados conhecimentos históricos, como por exemplo o Holocausto e o Golpe Civil-Militar de 1964, é para que esses fatos nunca mais venham a se repetir no mundo ou numa sociedade. Se a desinformação ou o negacionismo tomar conta desses temas sensíveis e esses conhecimentos forem gradualmente desconstruídos, as novas gerações não terão noção da gravidade desses eventos e poderão, até mesmo, levantar bandeiras em defesa dos regimes que provocaram essas tragédias.

É importante ressaltar que o revisionismo historiográfico atua em favor da história, fazendo avançar o conhecimento diante de novas descobertas documentais e perspectivas teóricas, enquanto o negacionismo, muitas vezes tendo se originado de análises revisionistas ideológicas, atuam contra a história, desqualificando ou distorcendo fatos e acontecimentos históricos.

Essas diferenças entre negacionismo, revisionismo historiográfico e ideológico são fundamentais para aproximar o fenômeno da Ciência da Informação e, a partir dessa área, demonstrar a contribuição que se pode dar para essas tendências. A CI tem sido chamada para assumir significativo papel na sociedade diante desses fenômenos informacionais contemporâneos. Sua atuação é visível nas diversas áreas informacionais do conhecimento científico. Além de apresentar estudos e subsídios para uma melhor acessibilidade e divulgação científica, a CI se preocupa também com a apropriação dessa informação no contexto social,

procurando desenvolver no usuário competências críticas informacionais como maneira de se reduzir os problemas oriundos da desinformação na sociedade.

A CI também desempenha um papel social relevante no foco da dimensão humana com a tecnologia, bem como no processo de transformação pela informação. Atualmente, por vivermos em um mundo tecnológico, no qual a sociedade gira em torno da internet e dos meios de comunicação, o risco das pessoas acreditarem em notícias falsas e conhecimentos históricos manipulados, espalhadas por todo o ambiente virtual, é muito grande. A reunião de pessoas nas chamadas bolhas ou câmaras de eco representa uma espécie de isolamento do sujeito em ambientes restritos de pobreza informacional (Santaella, 2018), onde não há espaço ao contraditório e nem ao contato com o conhecimento estabelecido cientificamente.

Além disso, estudos sobre a desinformação e o negacionismo ao longo da história e suas formas de operação e manifestação nos dias atuais, podem servir de base para a criação de medidas, políticas e sistemas informacionais de combate aos fenômenos e, conseqüentemente, atenuar seus efeitos prejudiciais à sociedade. A regulação das plataformas digitais, por exemplo, é uma dessas medidas necessárias e urgentes para combater, pelo menos parcialmente, a circulação de notícias falsas a curto prazo.

Entretanto, investir e valorizar o sistema educacional em todas as áreas do conhecimento, pode ser uma das estratégias mais eficazes e duradouras contra esses fenômenos a médio e longo prazo. Na área das ciências sociais aplicadas e de humanas, por exemplo, a conscientização do sujeito em relação ao seu contexto histórico, político e social, onde ocorre suas relações e habilidades para lidar com a informação, desenvolvendo um senso crítico para identificar a verdade e discernir o viés, pode ajudar muito a reduzir os efeitos da desinformação e do negacionismo histórico na sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço tecnológico tem proporcionado nas últimas décadas a democratização do acesso e o compartilhamento de informações de modo praticamente ilimitado. Entretanto, esta mesma tecnologia que pode disseminar conhecimentos relevantes também é utilizada para promover desinformação na sociedade, refletindo em todas as áreas da atividade humana.

Nos últimos anos, a ciência foi bastante abalada por esse fenômeno. A circulação de informações falsas ou manipuladas, promovida por grupos com interesses políticos, impactaram conhecimentos estabelecidos cientificamente. Certas ideias ou questionamentos, que antes eram difusos e fragmentados, ganharam força e mobilização nas redes sociais pelo efeito das bolhas e acabaram gerando inúmeras reinterpretações que são compartilhadas e que podem reforçar ideias, preconceitos e influenciar tomadas de decisão.

No campo historiográfico o negacionismo não foi diferente. Além da negação de alguns fatos históricos, alguns movimentos criaram releituras para desconstruir o conhecimento produzido por historiadores sobre determinados acontecimentos, causando dúvidas e confusão na sociedade. Nesse contexto, é imprescindível reconhecer que a história, como ciência, não é exata. A área historiográfica é passível de interpretações e revisões, desde que fundamentadas em rigorosas metodologias de análise e isenta de influências ideológicas. A dúvida e o questionamento em relação a um acontecimento histórico é o primeiro passo para o surgimento de novas pesquisas e a aplicação de métodos científicos. Todavia, o grande

problema é quando a dúvida se transforma em negação de algo já evidenciado e provado cientificamente.

A contribuição dos estudos realizado pela Ciência da Informação é fundamental para desfavorecer a desinformação e até mesmo evitar os seus efeitos na sociedade. No campo científico, Além da atuação na acessibilidade e na comunicação, a preocupação da CI também reside na apropriação da informação no contexto social, desenvolvendo no usuário capacidades necessárias para pensar criticamente. Toda a informação traz em si uma consequência, seja positiva ou negativa. O pensamento crítico ajuda a refletir, a avaliar os fatos e a tomar decisões com base em evidências. Porém, pensar de forma crítica não significa desacreditar de tudo, mas, sim, que se deve sempre tentar distinguir informações com ou sem evidências.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Infodemia, desinformação, pós-verdade: o desafio de conceituar os fenômenos envolvidos com os novos regimes de informação. **International Review of Information Ethics**, v.30, p.01-10, ago. 2021.

CHASSOT, Ático. **A ciência através dos tempos**. São Paulo: Moderna, 1994.

COHEN, Stanley. **States of Denial: Knowing about Atrocities and Suffering**. Cambridge, UK: Polity Press, 2001.

COMISSÃO EUROPEIA. **Combater a desinformação em linha: uma estratégia europeia**. Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comitê Econômico e Social Europeu e ao Comitê das Regiões. COM(2018) 236 final, Bruxelas, 26 de abril de 2018. Disponível em:

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:52018DC0236&from=IT>.

Acesso em: 20 ago. 2022.

FALLIS, Don. What is disinformation? **Library Trends**, v. 63, n. 3, p. 401-426, 2015.

FONSECA, Paulo. Negacionismo, desinformação e estudos sociais da ciência e tecnologia: amostra de um debate emergente. **CTS em foco**, n. 5, out./dez. 2021, p. 8-17.

FUNARI, Pedro Paulo. Anacronismos e apropriações. In: PINSKY, J; PINSKY, C.B. (Orgs.). **Novos combates pela história**. São Paulo: Contexto, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

LEAL, Bruno. *Fake news: do passado ao presente*. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos combates pela história**. São Paulo: Contexto, 2021.

MENESES, Sonia. Negacionismos e Histórias Públicas Reacionárias: Os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. **OPIS**, v. 19, n. 2, 2019.

MORAES, Luís Edmundo. **O negacionismo e as disputas de memória**: reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Seropédica, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. *In*: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Novos combates pela história**. São Paulo: Contexto, 2021.

PINHEIRO, Marta Kerr; BRITO, Vladimir de Paula. Em busca do significado da desinformação. **DataGramZero – Revista de Informação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, dez. 2014.

ROLLEMBERG, D.; CORDEIRO, J.M. Revisionismo e negacionismo: controvérsias. **História, histórias**, v. 9, n. 17, jan./jun. 2021.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2018.

VALIM, Patrícia.; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 41, n. 87, 2021.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.

VOLKOFF, Vladimir. **Pequena história da desinformação**: do Cavalo de Tróia à Internet. Curitiba: Editora Vila do Príncipe, 2004.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. **Council of Europe Report**, Strasbourg, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 15 ago. 2022.